

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA (1949-1979): LEITURA SOBRE O SABER GEOGRÁFICO ESCOLAR

Maria Rita de Castro Lopes

ritacastrolopes@usp.br¹

Resumo

Em 1934, com a fundação dos primeiros cursos universitários de Geografia no Brasil, surgiu a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) que tinha o objetivo de desenvolver e difundir pesquisas relacionadas à ciência geográfica no país. Contudo, ao longo da trajetória da AGB, ela não se limitou apenas a produção acadêmica, ela também forjou mudanças teóricas-metodológicas no saber escolar geográfico. Os Boletim Paulistas de Geografia foram utilizados como principais fontes documentais, por serem documentos que registraram e contribuíram para a circulação do pensamento da associação dos geógrafos. Será utilizado como referencial Ivor Goodson (2011), no que concerne seus estudos de caráter sócio-histórico da disciplina escolar e da história das associações científicas. A pesquisa não tem o propósito de realizar uma história memorialista ou/e internalista da AGB, mas fundamentalmente entender as suas interfaces com o saber escolar a partir das suas publicações oficiais.

Palavras-chave: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Geografia escolar, periódicos.

Introdução

Em 1934, a partir da institucionalização do primeiro curso superior de Geografia no Brasil, que formaram os primeiros professores do ensino secundário, surgiu a Associação dos Geógrafos Brasileiro (AGB). Apesar do caráter acadêmico da AGB, é possível identificar interfaces da associação com o saber geográfico escolar.

Goodson (2001; 1990), pesquisou a história da disciplina escolar, desde a sua gênese, para entender que o conhecimento escolar não é algo natural, mas uma elaboração da própria escola, que mantém relação com os agentes externos e internos, como forças

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, na Universidade de São Paulo.



hegemonias relacionadas à política, economia e cultura. A AGB pode ser considerada uma dessas influências externas que manteve relação com o saber escolar.

Desde 1935, a associação dos geógrafos publica periódicos, com o objetivo contribuir e estimular a divulgação de pesquisas geográficas relacionadas ao território brasileiro. As publicações da AGB possuíram um caráter diferente das produções do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), isto porque, a associação propôs uma ruptura com uma geografia de caráter mnemotécnica, com o propósito de desenvolver uma geografia que foi denominada de moderna.

Por um longo tempo, os periódicos da AGB e do IBGE foram os principais meios de divulgação do conhecimento geográfico no país, seus textos compunham a ementa dos cursos de formação de professores de geografia nas universidades e nas secretarias de ensino. Os artigos da AGB trataram de diferentes temas: pedologia, economia, geologia, regionalização e outros.

Capel (1989) ressaltou a importância das revistas científicas como um lugar de difusão de pesquisas e ideias, que mostra a vitalidade de uma ciência, sendo indispensável para o seu desenvolvimento e reconhecimento diante a comunidade científica. Assim, além dos periódicos difundirem o pensamento geográfico de um determinado período, é provável que eles também registraram as ideias que ocasionaram rupturas ou continuidades com o saber escolar.

O estatuto da AGB de 1945, criou a Seção Regional de São Paulo (SRSP) que seria uma das unidades que comporia a AGB. Em 1949, a SRSP lançou o seu primeiro Boletim Paulista de Geografia (BPG), que até o momento consiste na publicação de mais longa duração de toda a AGB.

A década de 1970, após anos de ditadura militar, as mobilizações pela democratização do país se intensificaram. Os agebeanos além de se posicionarem contra a falta de democratização no país, também buscaram debater a democratização dentro da própria AGB. A partir dessas insatisfações, em 1978, no 3º ENG, realizado em Fortaleza, eclodiu uma mobilização de parcela dos associados, principalmente dos estudantes, que possibilitou no ano seguinte uma assembleia extraordinária, na qual a associação mudaria significativamente.

A assembleia extraordinária de 1979, ocorreu na USP, local sede da AGB Nacional, que resultou em uma reforma estatutária. O novo estatuto possibilitou que as associações dos

novos membros não fossem mais realizadas por meio de convite e aprovação dos seus integrantes, assim possibilitando que a AGB se tornasse um lugar mais acessível aos professores da rede básica de ensino e aos estudantes de graduação.

A partir da AGB SRSP, a pesquisa realizou uma investigação historiográfica do BPG e sua relação com o saber geográfico escolar, compreendendo os conflitos e as rupturas ou continuidade de 1949 a 1979.

Será apresentado, primeiramente, o referencial teórico e a metodologia historiográfica da pesquisa. Em seguida, será retratado uma breve história da fundação do BPG, a partir da identificação do contexto, dos sujeitos responsáveis e dos objetivos de sua publicação. E, por fim, será identificado quais os periódicos e com eles forjaram mudanças teóricas-metodológicas na disciplina escolar Geografia.

Referencial teórico e metodologia

Goodson (1990) para explicar a formação das disciplinas acadêmicas, utilizou-se do modelo de David Layton², no qual apresenta três estágios epistemológicos: 1) o conhecimento desenvolvido no processo de escolarização, apresentando-se pertinente e útil aos alunos, por sua vez, estes se sentem atraído pela disciplina. Nesse momento, não existia a professor especializado, mas algo próximo a um autodidata; 2) a disciplina escolar apresentou o seu conhecimento mais organizado, com formação de professores e o interesse do Estado em desenvolvê-la; 3) o conhecimento escolar constitui-se com valores e regras acadêmicas e, com isso, os alunos se tornaram mais passivos e desencantados com o cotidiano escolar.

Goodson (2011) observou esses três estágios na trajetória da disciplina Geografia na Inglaterra e a partir de análises documentais, concluiu que ela também precedeu o conhecimento de referência. Segundo o autor, no final do século XIX, os professores da disciplina Geografia passaram a ser um grupo de profissionais que buscavam *status*, para isso, articularam-se para inserir o conhecimento geográfico nas universidades, com os seguintes interesses:

[...] melhores *ratios* docentes, salários mais elevados maiores subsídios *per capita*, empregos mais qualificados, perspectivas de carreiras mais aliciantes. A ligação entre o *status* acadêmico e a distribuição de recursos fornece o

² “Layton analisou a evolução da matéria ‘ciências’ a partir do século dezenove, sugerindo um modelo provisório para a evolução de uma matéria escolar no currículo escolar secundário” (GOODSON, 1990, p. 233).



principal quadro explicativo para compreender a aspiração imperativa da aquisição do estatuto acadêmico (GOODSON, 2011, p.142).

A *Geographical Association*, fundada em 1893, teve um papel importante para a inserção da disciplina geografia nas escolas, ao traçar planos para inseri-la nos exames preparatórios. O lobby ativo da *Geographical Association* para o reconhecimento da geografia, fez ela angariar mais associado, além de incluir a geografia em muitos regulamentos de Comissões Examinadoras (Certificação Elementar e Certificação Secundária) como uma das principais matérias. A *Geographical Association* propunha que o conteúdo do exame fosse estabelecido por professores práticos de geografia, tal proposta não visava a aprendizagem dos alunos, mas sim, era uma estratégia para a inserção da geografia nas universidades:

Esta estratégia se parece muito com os apelos dos sindicatos em favor da oficina fechada. O professor de geografia deve estabelecer os exames e escolher exames que sejam os melhores para a ‘aceitação geral’ da matéria – não existe nem mesmo a fachada de que o interesse dos alunos deveria ser critério central; o ensino de geografia deve estar exclusivamente nas mãos de geógrafos treinados e as universidades devem ser encorajadas a estabelecer escolas de geografia ‘onde os geógrafos possam ser formados’ (GOODSON, 1990, p.238).

Ao torna-se uma disciplina acadêmica, os professores escolares foram incentivados “a renderem-se, solícitos, às definições dos conhecimentos válidos formulados pelos universitários” (GOODSON, 2011, p.99). Desse modo, historicamente a disciplina Geografia no ensino secundário do currículo britânico, tornaram-se mais abstrata, formal e acadêmica em troca de *status* e recursos.

Goodson ao pesquisar a história da disciplina escolar, mostrou o quanto o conhecimento escolar sofreu influências externas de forças hegemônicas, como da academia e das instituições científicas. Supõe-se que a história da disciplina Geografia no Brasil se aproxima da realidade da geografia escolar inglesa. E que a Associação dos Geógrafos Brasileiros, antes de 1979, já era uma da influência externa que buscou exercer hegemonia sobre a Geografia escolar, seja diretamente na escola ou na formação de professores.

O trabalho historiográfico exige do pesquisador um olhar múltiplo pela sua fonte documental, não basta apenas analisar os conteúdos nela impresso. Isto porque os periódicos da AGB-SP são resultados de diferentes ações de decisões técnicas ou mesmo de posicionamento de ideias de um determinado período. É preciso examinar as relações entre os sujeitos responsáveis pelo editorial dos periódicos, identificar a equipe gestora da AGB e os

objetivos que ela tinha em mente, a periodicidades dos lançamentos dos impressos, os autores dos artigos, os temas e suas diferentes regras de funcionamento.

De 1949 a 1979, as ações AGB não foram sempre homogêneas, pois fatos históricos de um determinado período, com certeza, influenciaram nos interesses e nos valores da associação. Por isso, os elementos externos à associação dos geógrafos também devem ser relacionados com as publicações dos impressos, como as políticas educacionais, as concepções e os currículos educacionais do período.

Por fim, novamente, ressalta-se que durante a leitura e a análise dos documentos é preciso ter conhecimento do contexto histórico investigado, porque o objetivo da proposta de pesquisa não é construir uma história enquanto uma comunidade científica (internalista) da AGB, e sim, a partir dos documentos recuperar parte da história da associação dos geógrafos e o saber geográfico escolar.

Criação do Boletim Paulista de Geografia

Com o novo estatuto de 1945, foi criada a Seção Regional de São Paulo (SRSP) que seria uma das unidades que comporia a AGB. Em 1949, a SRSP lançou o seu primeiro Boletim Paulista de Geografia (BPG), que até o momento consiste na publicação de mais longa duração de toda a AGB.

De acordo com primeiro editorial do BPG, o novo periódico da SRSP tinha o esforço de elaborar e difundir resultados de estudos e dos trabalhos de campo dos seus associados (BPG vol.1, 1949), com a responsabilidade:

[...] um pouco maior do que outras publicações de seu gênero: em primeiro lugar, porque será o espelho da nova geração de geógrafos, que, à sombra da A.G.B., vem trabalhando conscientemente, embora de maneira silenciosa, em terras paulistas; em segundo lugar, porque já traz consigo uma tradição de cultura geográfica, que não deve nem pode desonrar (BPG vol.1, 1949).

Após a criação das Seções Regionais e Municipais, no qual SRSP se desmembrou da Nacional, de certo modo, os geógrafos paulistas a partir da produção e da circulação do BPG objetivaram continuar com a sua influência na produção geográfica, não apenas no seu estado, mas no país. Na edição de cinco anos do lançamento do periódico, seu editorial faz a seguinte publicação: “depositamos, porém, uma absoluta confiança na boa vontade e no espírito de



cooperação de todos quantos sabem apoiar as iniciativas bem-intencionadas, que visam, unicamente elevar a cultura do país” (BPG vol.13, 1953).

A SRSP ao produzir o BPG, como uma forma de divulgar a produção da associação, teve a preocupação de buscar a participação de nomes reconhecidos, tanto nacionais e internacionais, para as suas publicações. Entre os nomes nacionais é possível identificar Aroldo de Azevedo, Aziz Nacib Ab’Saber, Pasquale Petrone, João Dias da Silveira, Nice Lecocq-Müller e outros. Em relação aos nomes internacionais é possível encontrar Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Francis Ruellan, Karl Heinrich Paffen, Jean Tricart, Jean Roche e outros. Os artigos dos pesquisadores internacionais são sempre os primeiros das revistas, existia uma tendência em valorizar o conhecimento que vem de fora, principalmente dos países europeus e dos Estados Unidos por serem considerados os centros produtores de ciência.

Aroldo de Azevedo³ foi um dos principais geógrafos que contribuiu para o surgimento do BPG, além de diretor do periódico durante doze anos, sendo sucessivamente reeleito pelas direções da SRSP de 1949 a 1961, período que foram publicados trinta e nove periódicos. Aroldo de Azevedo se destacou como um membro ativo da AGB, com intensa participação nas Assembleias. Ele realizou pesquisa e docência no departamento de Geografia da USP entre 1940 a 1967, e, em 1942, foi o primeiro responsável pela cadeira de Geografia do Brasil. E, também, foi uma influência no ensino básico, principalmente, porque assumiu um lugar de destaque na produção de livros didáticos nas décadas de 1930 a 1960. Desde o início da publicação do seu primeiro livro didático, em 1936, até o ano do seu falecimento, em 1975, foram vendidos mais de doze milhões de exemplares de todas as suas publicações didáticas. Em 1960, Azevedo passou a ser membro do Grupo de Estudo do Livro Didático, criado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

José Bueno Conti, ex-aluno de Aroldo de Azevedo no curso FFCL, escreveu que nas aulas do professor existia uma preocupação de incentivar e introduzir práticas pedagógicas que eram consideradas inovadoras na época, como o estudo dirigido. Para Conti (1976), Aroldo de Azevedo “auxiliado por seus assistentes, realizou magnífica tarefa educativa, concorrendo

³ É importante comentar a origem social de Aroldo de Azevedo. Ele provinha de uma família tradicional da elite paulista, do Vale do Paraíba, nasceu em Lorena em 1910, formou-se aos vinte e um anos na Academia de Direito. Provavelmente, influenciado pela sua descendência rural aristocrática, o geógrafo era reconhecido pela sua tendência conservadora e elitista de sociedade. Ele iniciou sua carreira no magistério, durante as suas férias do curso de direito, lecionando a disciplina Geografia em uma escola Normal, na cidade de Lorena.

para a formação de inúmeras turmas de professores durante mais de três décadas” (CONTI, 1976, p. 32). Gil Sodero de Toledo, também ex-alunos de Aroldo de Azevedo, em uma entrevista à Revista Paisagem, afirmou que a dedicação do seu professor a formação do magistério, marcou a graduação do departamento de Geografia da USP (TOLEDO, 1997, p.06).

Em 1936, Aroldo de Azevedo ingressou na FFCL, assim como ele, outros jovens que frequentavam a faculdade já tinham outra profissão, mas buscavam mais satisfação intelectual. Ele se formou nas primeiras turmas da FFCL, teve aula com os fundadores da USP. Aroldo de Azevedo foi discípulo de professor Pierre Monbeig, as suas produções acadêmicas e para o ensino escolar se caracterizam pelo seu vínculo com a geografia francesa, ao dar significativa ênfase ao trabalho de campo, à representação cartográfica e à dimensão histórica nos estudos geográficos.

O Aroldo de Azevedo, nos seus artigos, enalteceu o quanto a produção dos geógrafos franceses serviram de alicerce para o conhecimento geográfico que era produzido em São Paulo, ou mesmo no Brasil. Em seu artigo, “A Geografia em São Paulo e a sua evolução”, no BPG nº 16 de 1954, ao afirmar a existência de uma escola paulista de Geografia⁴, a partir de três características marcantes, sendo a primeira delas consistiu na influência da orientação francesa (AZEVEDO, 1954, p.55).

Em um outro artigo de Aroldo de Azevedo, “A Geografia francesa e a geração dos anos setenta”, escrito em 1974, sendo o ano do seu falecimento e o quadragésimo aniversário da AGB, o geógrafo expõe que no texto pretende demonstrar a “prova de gratidão e de filial homenagem à Geografia que se irradiou da França e que, no Brasil, deixou marcas indeléveis” (AZEVEDO, 1976, p.09).

A partir da longa jornada de Aroldo de Azevedo na direção do BPG, quanto as suas orientações, tanto relativo ao conhecimento geográfico e ao seu posicionamento político, possivelmente influenciaram o periódico paulista?

⁴ Compreende, que atualmente, fica inviável a utilização do termo “escolas geográficas”, como se utilizava comumente no passado. Nos dias atuais, reconhece-se que não seja possível observar apenas internamente a produção de um lugar, pelo motivo que o próprio motivo que Azevedo afirmou, que um determinado lugar de produção mantém bases comum com outros lugares de produção. Azevedo exaltou a geografia realizada pela USP e pela AGB, colocando a necessidade de ser identificada como uma escola de geografia.



A partir de 1962, o geógrafo José Ribeiro Araújo Filho, discípulo de Aroldo de Azevedo, assumiu a direção do BPG até 1968. Formado nas primeiras turmas na FFCL da USP, também, em 1968, foi professor da cadeira de Geografia do Brasil. Antes, em 1949, lecionou no magistério secundário as disciplinas Geografia Geral e do Brasil em um ginásio estadual, na cidade de São Vicente-SP, até os anos de 1952, concomitante, ao cargo que exercia de professor assistente da cadeira de Geografia do Brasil, na FFCL da USP. Araújo foi um sócio efetivo que participou intensamente da vida da AGB, além de diretor do BPG, também ocupou o cargo de diretor da SRSP em 1954, 1970 e 1972.

A partir de 1969, a direção da revista ficou marcada por um diferencial, não passou a ser mais composta apenas por professores do departamento da FFCL da USP. Em 1969, Gil Sodero de Toledo, na condição de estudante de doutorado na UNESP, foi diretor por um ano do BPG. Em seguida Vincenzo Raffaele Bonchichio assumiu o cargo de diretor, em 1970, onde permanece por três anos, também quando era doutorando da UNESP⁵.

No decorrer da década de 1970, provavelmente, ocorreu uma mudança ainda maior no tom da organização do BPG. Primeiramente, porque em 1974 a 1976, o periódico paulista teve a primeira mulher na sua direção, a geógrafa Myrna Therezinha Rego Viana. Durante a direção de Myrna Therezinha significativas mudanças ocorreram no periódico, com foi possível observar no editorial do BPG nº 51 (1976), no qual anunciou mudanças na edição e no conteúdo do periódico, valorizando as Notas – para os autores que se propunham a divulgar questões metodológicas, resultados de pesquisa ou pesquisa em andamento, para submetê-las à críticas e debates de seus colegas - e as Resenhas. Observa-se uma exposição diferente no editorial do BPG, em relação ao debate e o posicionamento político:

Uma política editorial foi definida, levando em consideração as necessidades e problemas que a Geografia e demais ciências humanas enfrentam no presente momento, bem como as contribuições que os geógrafos podem e devem dar ao conhecimento da realidade, qualquer que seja o nível ou o setor em que atuam.

[...] O presente volume do Boletim Paulista de Geografia pretende somar-se aos anteriores no serviço que estes prestaram à Geografia. Apresenta-se, entretanto, com algumas mudanças (na aparência e na essência) em função das exigências de uma nova conjuntura.

Muitos acharão audaciosos nossos objetivos.

Nós também achamos e apenas nossa crença na colaboração dos agebeanos nos fez persistir. Para nós, diretoria e comissão redatorial, está bem claro que sem colaboração esses objetivos não serão atingidos.

⁵ Ambos depois foram professora de Geografia na USP.

Para isso, ao apresentarmos mais este número do Boletim, pedimos a colaboração dos agebeanos ao mesmo tempo em que submetemos nosso trabalho ao debate e à crítica (VIANA, BPG nº 51, 1976, p.5-6).

Provavelmente, o momento político que o país vivia exigia a necessidade de mudança e de um maior posicionamento, algo que deve ter interferido significativamente na produção do BPG. Tal mudança é confirmada por Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2008), em sua entrevista para o BPG. Enquanto estudante de pós-graduação e atuante na SRSP, ele lembra que, em meados da década de 1970, o processo de mudança da AGB já havia começado na SRSP, na qual tinha aberto a sua participação para os estudantes associados e o BPG passava por um processo de alteração:

[...] de suas edições, formato e do logotipo da entidade -, que passava a ter como objetivo a produção de publicação de artigos críticos sobre a sociedade e a Geografia em geral. Essa mudança começou a se dar a partir do número 52 do BPG, salvo engano da minha parte, e depois o número 54 se constitui como uma espécie de marco, ícone, uma vez que trazia um artigo importante, entre vários outros, do Manuel Correia de Andrade, de crítica a várias correntes da Geografia brasileira. E é, ao mesmo tempo, com o BPG e textos avulsos que a AGB-São Paulo publica através da Seleção de Textos, que começavam a ser publicados os textos do professor Milton Santos, aos quais, até então, poucos tinham acesso aqui no Brasil (OLIVEIRA, 2008, p.07).

E, por fim, José Marinho de Gusmão Pinto, que realizou a função de direção do BPG de 1977 a 1978. Ele em conjunto com Ruy Moreira, Carlos Walter Gonçalves e Ariovaldo Umbelino formaram a comissão organizadora da assembleia de 1979, a qual eliminou a separação entre sócios titulares e colaboradores. José Marinho possuía uma orientação política diferente dos primeiros diretores da AGB-SP.

É essencial lembrar de década 1970, que foi marcada por intensa mobilização e enfrentamento pela democratização no país, após anos de ditadura militar, encorajada principalmente pelos movimentos sociais, sindicais e estudantis. A geografia no Brasil também passou, de certo modo, a ser questionada, existiu a busca por uma ruptura geográfica, tanto por uma mudança epistemológica e o fim de um suposto conhecimento descomprometido com a política. Começou a ser gestada o desejo de uma renovação da geografia, em diversas dimensões, tanto no discurso teórico das pesquisas acadêmicas e no ensino escolar.

É neste contexto que AGB passou a ser criticada pela sua falta de democracia, conseqüentemente de representatividade, por distinguir os seus associados e tratar o



conhecimento geográfico como algo descompromissado. Tal insatisfação, irá desembocar no movimento de 1978, em Fortaleza, onde, principalmente, estudantes reivindicaram uma reforma estatutária, além deles questionarem qual o papel político que a AGB deveria desempenhar. Em 1979, com a reforma estatutária, a partir da assembleia extraordinária realizada em São Paulo, após longos debates, a AGB passou efetivamente a ser uma instância mais aglutinadora dos professores do ensino básico, dos estudantes, dos pesquisadores e dos profissionais geógrafos.

Prática de leitura acerca da Geografia escolar

Os objetivos do BPG consistiram em:

[...] oferecer aos seus leitores contribuições originais de valor, quer dentro do quadro da Geografia Física e Biológica, quer dentro do âmbito da Geografia Humana, em seu mais amplo sentido, sem esquecer o campo fascinante da Geografia Regional. A par disso, visará diretamente o ensino geográfico, através de debates sobre temas metodológicos, de trechos escolhidos de autores selecionados ou de comentários bibliográficos. Refletirá, enfim, como é justo, um pouco de vida e das atividades internas da Seção Regional, de que é órgão (BPG vol.1, 1949).

De acordo com o trecho supracitado, observar-se um importante indício, a princípio os geógrafos paulistas a partir dos periódicos tiveram a proposta de pensar o “ensino geográfico”, além de expor o que seria a produção e as atividades da SRSP. Assim, novamente, resgata-se a importância de se utilizar os periódicos como uma das principais fontes de pesquisa para entender como a AGB buscou influenciar a cultura da Geografia.

Aroldo de Azevedo, em seu artigo “A Geografia em São Paulo e a sua evolução”, no BPG nº 16 de 1954, afirmou que 1934, o mesmo ano da criação da USP e da AGB, foi como um divisor de água da produção geográfica paulista, por iniciar uma produção considerada moderna, ou seja, estudos com base científica. Para Azevedo (1954), antes de 1934, as obras de Geografia intituladas também como Corografia, não passavam “de modestos compêndios destinados ao ensino primário ou secundário e aparecem eivados dos defeitos que caracterizam a velha Geografia” (BPG nº 16, 1954, p. 46), que consistiam em guardar listas intermináveis de nomes e números⁶. No entanto, Azevedo reconheceu apenas uma produção geográfica antes de

⁶ Outros artigos presentes no BPG realizam a mesma afirmação: AB’SABER, Aziz Nacib. Vinte e cinco anos de Geografia em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo. 1960, pp.71-82. MÜLLER, Nice Lecocq. Aspectos da vida da Associação dos geógrafos Brasileiros. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo. 1961, pp. 43-56.

1934, a de Delgado de Carvalho, por se valer de uma orientação mais moderna (AZEVEDO, 1954, p. 49).

Em alguns momentos nos periódicos, de certo modo, existiu o esforço de seus associados em desvalorizar as produções de Corografia. Caio Prado Junior, no artigo “A evolução da Geografia e a posição de Aires de Casal”, no BPG nº 19 de 1955, faz crítica severas ao Padre Manuel Aires de Casal, a partir da sua obra “Corografia Brasileira” de 1817. Afirmou em várias partes do texto que Aires de Casal não foi um “homem de ciências”, no qual a partir de um trabalho de consulta bibliográfica, limitou-se a enumerar, oferecer nomenclatura e descrever a superfície terrestre (PRADO Jr., 1955, p. 53).

A obra “Corografia Brasileira” teve o mérito de ser a primeira literatura que sistematizou um quadro da geografia geral do país, tendo exclusividade por um longo tempo, por isso foi muito utilizada, principalmente no ensino escolar (ISSLER, 1973). Ao realizar crítica ao Aires de Casal, Caio Prado Jr. cai em um anacronismo. Isto porque o autor criticou a obra de Casal por não se pautar em uma Geografia moderna, que consiste no conhecimento que Prado Jr. elegeu como o “verdadeiro”, o científico. Apesar dos geógrafos alemães Humboldt e Ritter, considerados os precursores da Geografia moderna, serem contemporâneos de Casal, o modelo empirista era o que orientava diversas obras deste período, inclusive o “Corografia Brasileira”, cuja a explicação se pauta pelo fisionômico. A obra de Casal utilizou os pressupostos teóricos-metodológicos consagrados socialmente no seu período, que giravam em torno do que se concebia comumente como Geografia.

As produções de Corografia, enquanto uma das tradições mais antigas de investigação da geografia ocidental, não deve ser colocada como menor na história da Geografia, por serem uma forma de se pensar a geografia que se relaciona a um determinado período.

Assim a SRSP elegeu a Geografia moderna como o “melhor” conhecimento a ser ensinado, ao mesmo tempo que desqualificou as formas anteriores de se fazer geografia, como está escrito no texto de Aroldo de Azevedo (1954), ao questionar quais das geografias eram desenvolvidas em São Paulo, após 1934:

Mas que Geografia? – poder-se-á perguntar, com toda razão. A Geografia puramente descritiva e enumerativa, tipo catálogo, que tanto horror causava e ainda



causa, por ser um instrumento de martírio dos estudantes, obrigados a guardar de memória listas intermináveis de nomes e de números? Ou a Geografia que confunde com a Topografia e a Cartografia, ainda hoje admitida por alguns, em nosso país? Ou, finalmente, a verdadeira Geografia, a Geografia moderna que se estuda nos meios cultos da Europa e da América notadamente, em que a interpretação dos fatos constitui o coroamento de pesquisas realizadas no terreno e de estudos elaborados em bases científicas? (AZEVEDO, 1954, p.45).

Existiu um esforço da AGB por uma ruptura, até pode dizer uma tentativa de apagamento da história da Geografia anterior à 1930, que, também, se assentava sobre o conhecimento desenvolvido nas escolas. No artigo “O pensamento geográfico e a realidade brasileira” (1977), de Manuel Correia de Andrade, é possível observar um desprestígio do saber escolar em detrimento do conhecimento científico:

Iniciava-se o pensamento geográfico no Brasil, profundamente marcado pela influência da escola francesa, embora lutando com condições bem diversas, de vez que não se dispunha de um conhecimento da realidade brasileira ao nível do conhecimento da realidade francesa, de dados básicos sobre condições naturais e sociais, de informações estatísticas, etc. Além disto, sendo a Geografia apenas uma matéria ensinada no nível secundário e que ainda não adquirira o prestígio da cátedra universitária, era ela colocada em segundo plano, dificultando o acesso aos meios necessários às pesquisas. Daí resumir-se, até então, a um catálogo de nomes de lugares e de localizações de montes, de rios e de cidades (ANDRADE, 1977, p.09).

Manuel Correia de Andrade (1977), propôs o desafio de mudar o foco no modo de se fazer história do pensamento geográfico, em relação até então o que era apresentado no BPG, ao negar uma historiografia a partir de uma ideologia colonialista, na qual “existem povos superiores que devem dominar e povos dominados que são incapazes de elaborar os seus princípios científicos e as suas ideologias, ou que se limitam a copiar modelos de franceses, ingleses, alemães, russo ou chineses” (ANDRADE, 1977, p.17). Ele teve o objetivo de aprofundar a história do pensamento geográfico, ao situar o conhecimento brasileiro “face ao pensamento geográfico internacional e considerando-o como criativo, como interpretativo de uma realidade e não apenas como continuação do pensamento geográfico de outros povos a respeito da realidade brasileira” (ANDRADE, 1977, p. 17). Mas Andrade apresentou o mesmo dogmatismo dos geógrafos anteriores, em relação à forma de fazer a história da Geografia, que considera como referência os centros produtores de ciências e, ao longo do seu texto, denomina como “interesse geográfico” toda produção do conhecimento geográfico anterior a década de

1930. Andrade (1977), continuou com o mesmo modo de escrever história, a partir de uma perspectiva internalista da ciência e de uma visão evolucionista.

As afirmações realizadas por esses intelectuais expõem a concepção de conhecimento do período deles, uma perspectiva histórica de pensar a trajetória de um conhecimento geográfico apenas a partir da sua institucionalização enquanto ciência, com uma visão internalista de pensar essa ciência. Por isso, existe a necessidade de sempre reforçar a existência do saber geográfico e do fazer geográfico no Brasil antes da existência dos cursos universitários e da AGB.

Como comentado anteriormente, a partir da criação das seções regionais da AGB, em 1945, existiu o esforço dos geógrafos paulistas em engrandecer a SRSP pelo país e, possivelmente, em outros países. Por isso, nos BPG estão presentes artigos que buscam valorizar a geografia desenvolvida em São Paulo a partir da construção de uma geografia ao modo francês de se fazer a ciência. Como visto, nos artigos relativos à Geografia moderna no Brasil, os paulistas colocam a sua inauguração a partir da missão francesa na USP e da criação da AGB. Em alguns artigos, sobre a Geografia moderna, apenas citam Delgado de Carvalho como um dos responsáveis por introduzir a Geografia moderna no país. E, ignoram outros estudiosos como Manoel Bomfim, Raja Gabaglia e Everardo Backheuser, que também realizaram notáveis trabalhos de geografia, provavelmente, eles são ignorados por não se enquadrarem nos princípios básicos da geografia francesa.

Azevedo denominou de “pré-história da Geografia” os estudos realizados pela Comissão de Geografia e de Geologia do Estado de São Paulo, em meados de 1871. Conforme Sousa Neto (2011), esses geógrafos ao focarem na história da ciências a partir da década de 1930, trataram o período anterior como pré-científico, “neste caso, para fugir à tentação de fazer uma história da Geografia tida como inexistente, passou a se fazer uma história do pensamento geográfico”⁷ (SOUSA NETO, 2011, p.120).

De 1950 até 1966, SRSP realizou nos periódicos uma divisão setorial, classificando os trabalhos dos seus associados por assunto: Geografia Agrária, Fotointerpretação, Geografia Urbana, Cartografia, Geomorfologia, Geografia Humana, Geografia Econômica, Ensino e

⁷ De acordo com SOUSA NETO, “somente após a década de 1980 podemos falar no surgimento de uma historiografia do pensamento geográfico. Nesse caso vale ressaltar as incursões feitas por Moraes (1988, 1991) e Machado (1989, 1995, 1999) (SOUSA NETO, 2011, p.121).



outros. Ao elencar os temas dos artigos referentes ao “ensino”, observa-se que eles fazem referências principalmente ao ensino acadêmico.

Apesar de ser um dos objetivos do BPG, a importância de pensar o “saber geográfico escolar”, as pesquisas relacionadas ao tema neste período não deveriam ter valor para se transformar em uma pesquisa acadêmica. Por um longo tempo, de certo modo, um pouco ainda nos dias atuais, o conhecimento escolar foi considerado um saber menor em relação aos saberes científicos. Na USP existiu uma preocupação em desenvolver teses que fossem monografias que se enquadrassem a tradição francesa, a influência dela pode ser notada no fato de que [...] “nas numerosas teses de doutorado e de cátedra apresentadas à USP nas décadas de 40 e 50, dominou um esquema em que o geógrafo analisava o meio físico, sobrepunha a ele os dados humanos e finalmente analisava as atividades econômicas” (ANDRADE, 1977, p.10).

As pesquisas de pós-graduação em Geografia no país, tiveram início em 1944, na USP, com a tese de doutorado da Maria Conceição Vicente de Carvalho, com o título: “Santos e a Geografia humana no Litoral”. Apenas em 1968, existiu a defesa do primeiro trabalho de pós-graduação com tema ensino de Geografia, uma tese de doutorado, realizada pela geógrafa Livia de Oliveira, na Unesp Rio Claro, intitulada “Contribuições ao ensino de Geografia”⁸.

Considerações Finais

A SRSP ao buscar sua acensão nas comunidades científicas e na sociedade, para se fazer influente no país, utilizou-se do seu reconhecimento para impor a Geografia moderna como o saber adequado a ser ensinado nas universidades e nas escolas de ensino básico. A SRSP utilizando os periódicos como forma de inculcar uma visão homogênea, na qual oficializa a década de 1930, como o início da Geografia no Brasil. Assim, a associação desconsiderou toda a forma anterior de se fazer geografia, rementendo-se aos anos anteriores como “pré-história da Geografia” ou apenas “interesses geográficos”.

Desse modo, a SRSP provavelmente buscou interferir na cultura da Geografia escolar, ao buscar colocar a Geografia moderna como o saber hegemônico, por meio dos periódicos, ou mesmo, pela produção de livros didáticos, já que um dos seus membros mais

⁸ Já o primeiro mestrado, foi realizado realizada em 1972, por Nely Ribeiro Ramos, na Universidade Federal de Santa Maria, com o título “As ciências sociais. Histórias e geografia no ensino de 2º grau. A segunda tese de doutorado, já comentada, foi realizada por Bernardo Issler, em 1973, intitulada de “A Geografia e os estudos sociais”, UNESP/ Presidente Prudente.

atuantes, Aroldo de Azevedo, foi um dos principais produtores desse material didático e participou do Conselho Estadual de Livros Didáticos.

Fontes selecionadas

- Seção Regional São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 1, 1934, p. 46.
- Seção Regional São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº13, 1953, p.86.
- Seção Regional São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 16, 1954, p.96.
- Seção Regional São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº40, 1964,p.110.
- Seção Regional São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**.São Paulo, nº50, 1976, p.158.
- Seção Regional São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**.São Paulo, nº51,1976 ,p.104.

Referência bibliográfica

- ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: SRSP. nº54, 1977, pp.05-28.
- AZEVEDO, Aroldo de. A Geografia e a geração dos anos setenta. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 50, pp. 07-28. 1976.
- AZEVEDO, Aroldo de. A Geografia em São Paulo e sua evolução. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 16, pp. 45-65. 1954.
- CAPEL, Horácio. História de la ciencia e história de las disciplinas científicas: objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia de la geografía. **Cuadernos críticos de Geografía Humana**. Barcelona, ano 12, nº 84, 1989.
Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/geo84c.htm>>.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, nº 02, pp. 177-229, 1990.
- CONTI, José Bueno. Resumo da apresentação feita por José Bueno Conti sobre a “Origem dos Estudos Sociais”. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB. nº 55, 1978, pp.176-177.
- GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, nº2, pp. 230-253, 1990.
- GOODSON, Ivor. **O Currículo em Mudança: estudos na construção social do currículo**. Porto: Porto Editora, pp.230, 2011.



ISSLER, Bernardo. **A Geografia e os Estudos Sociais**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1973.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. Geografia nos trópicos: História dos naufragos de uma jangada de pedra? **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB, n° 17, pp. 119-138, 2011.

TOLEDO, Gil Sodero de. Entrevistas: Gil Sodero de Toledo. **Revista Paisagens**: USP. n° 01, 1997, pp.06-09.